



A vida? ... É logo ali

David Léo Levisky

Blucher



A VIDA?
... É LOGO ALI

David Léo Levisky

A vida? ... É logo ali

© 2018 David Léo Levisky

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4^a andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Levisky, David Léo
A vida?... É logo ali / David Léo Levisky. –
São Paulo : Blucher, 2018.
274 p.

ISBN 978-85-212-1365-9 (e-book)
ISBN 978-85-212-1364-2 (impresso)

1. Ficção brasileira I. Título.

18-1570

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira

1. Lina

Com um copo na mão, atravessei o salão para alcançar outra mesa de amigos, onde uma dúzia de garrafas vazias, irmanadas obsessivamente, denunciava o estado de ânimo da turma. Uma estranha sensação de liberdade me animava, em plena quarta-feira, com o salão repleto de gente. Vozerio e risadas enchem o ar. Conversar era quase impossível. Estava um calor de rachar, nada de chuva. A cerveja geladíssima descia redondo e gostoso. Um pouco zozna, me enfiar entre as pessoas que conversavam em pé. Uns se afastaram, outros sorriram, até que trombei com um rapaz que prontamente se desculpou, apesar de eu ter achado que a culpa fosse minha.

– *Perdóname.*

Sorrimos enquanto nossos olhares se cruzaram. Percebi que a fala era estrangeira, mas segui em frente. Mais tarde, enquanto conversava com outros colegas ouvi novamente aquele som diferente:

– *¡Hola! ¿Cómo estás? ¿Podemos hablar un pouquinho? Soy Hernandez.*

– *Claro que si* – respondi, enquanto jogava meus cabelos para trás, fazia um coque e, ao mesmo tempo, apresentava-o para o grupo:

– Este é Carlos, aquele é o João, e *Yo soy Lina*, brinquei.

– *Hablas bien el español. Eres muy guapa, muito linda!*

– *Hablo portunhol.*

Entre sorrisos, agradei o elogio e ele me perguntou se poderia sentar-se com o grupo. Apontei uma cadeira e o papo prosseguiu. Cerveja, bolinho de queijo e mandioca frita compunham o cardápio. Ele conversou com todos até que nos vimos sozinhos, um pouco à margem do grupo. Falamos de curiosidades e das situações políticas dos nossos países, da liberação da maconha, dos estudos e bandas da atualidade:

– Estudo marketing e curso a faculdade de música.

– Duas faculdades! Uma já é tão difícil – disse-lhe.

Explicou-me que seu sonho era ser regente de orquestra, mas sabia que a vida de artista era instável e penosa:

– Fui aconselhado a ter uma outra formação para me garantir, apesar de gostar mesmo é da música. Meu instrumento é o piano e me dedico, como *hobby*, ao canto lírico.

– Quantas coisas diferentes! Minha perspectiva é outra. Pretendo iniciar um trabalho fixo no próximo ano. Estamos às vésperas das férias e com exames pela frente. Quero ganhar algum dinheiro para me manter, depender menos dos meus pais e aliviar a barra da minha mãe, sobrecarregada com meus dois irmãos com deficiência.

– O que você quer dizer com irmãos com deficiência?

– Meus irmãos têm deficiência intelectual. Nasceram com muitos problemas de saúde. Eles não têm o mesmo desenvolvimento das outras crianças de sua idade. Principalmente o menor, que tem

muitas limitações para se locomover, se comunicar, entender as ideias e controlar suas necessidades. Mas agora eles estão melhores.

– Deve ter sido bem complicado para você e seus pais.

– Minha família viveu períodos conturbados, com muitos sofrimentos, idas frequentes a médicos, discussões quanto ao que fazer com os meninos.

– Seus pais devem ter se ajudado muito para superar as dificuldades.

– Não foi bem assim. Eles tentaram, mas as diferenças de entendimento, as frustrações geraram agressões que esgarçaram o relacionamento, e a ruptura tornou-se inevitável. Meu pai não aguentou a barra. Minha mãe conduziu a família praticamente sozinha. Comeu o pão que o diabo amassou e ainda continua a fazê-lo em meio a sucessivas trombadas. É uma guerreira vencedora. Tenho muito orgulho dela.

Hernandez ouvia-me interessado. Após um grande silêncio, ele exclamou:

– Deve ser bem difícil para você!

– É verdade. Não tem sido nada fácil. Meus pais depositaram muitas expectativas sobre mim e eu sou superexigente comigo mesma. Quero ser boa aluna, projetar-me na vida profissional. Gosto de ajudar em casa e de cuidar dos meus irmãos. Tenho também dois gatos lindos e enormes, um tímido, Schubert, e outro elétrico, Schumann.

– Puxa! Nunca ouvi falar de gatos com esses nomes. Que engraçado! São dois músicos importantes. Você os conhece? Schubert era austríaco e viveu no século XVIII e início do XIX. Foi influenciado por Mozart. Já Robert Schumann era alemão e viveu no século XIX. Era tido como meio louco. Aliás, dizem que os artistas são todos um pouco loucos.

– Você está se preparando para ser artista, não é? Veremos no que vai dar.

Hernandez aparentava surpresa com minha história. Talvez estivesse assustado, mas eu não estava preocupada com isso; liberada pela cerveja, minha necessidade era falar:

– Acho que não tive tempo para ser criança. Precisei crescer rápido em meio às dificuldades do dia a dia. Agora quero curtir o que tenho direito. Vivi na pele o sofrimento dos meus irmãos, que várias vezes se aproximaram da morte. O ambiente familiar era de apreensão constante. Falava-se baixo, dormia-se cedo. Na casa imperava o silêncio. Evitavam-se ruídos e movimentos bruscos que pudessem excitar meus irmãos, pois desencadeavam reações de choro incontrolláveis. Os horários eram seguidos à risca para tomar os remédios para dores, febres, infecções, convulsões e problemas cardíacos. Hora para banho, fisioterapia e outras terapias. Hora para comer, dormir, fazer a higiene. Fui invadida por pensamentos terríveis ao me sentir dividida entre o carinho que sinto por eles e a raiva de ter de suportar tais situações.

– Você tem sofrido muito! – exclamou Hernandez, que me olhava com ternura e talvez pena.

Sorri para ele:

– Desculpe-me por falar tanto. Acho que estava precisando desabafar para alguém que pudesse me ouvir sem críticas nem julgamentos.

– Não se preocupe. Pode falar. Estou interessado em ouvi-la.

– Inúmeras vezes fiquei sozinha em casa, morrendo de medo, quando acordava de madrugada sobressaltada ao perceber que meus pais precisavam ir às pressas para o pronto-socorro. Eu ficava chorando baixinho sem entender o que estava se passando. Houve vezes em que fui acordada para irmos todos, pois não tinham com

quem me deixar. Eram dores de ouvido, diarreias, febres, falta de ar, convulsões, choros e mais choros desesperados que invadiam as noites. Não sei por que estou contando tudo isso a você.

– É mais fácil compartilhar com um desconhecido do que com alguém com quem tenha laços afetivos. Prossiga. Quero ouvi-la.

– Meu irmão mais velho se chama Lucas, e o menor, Fabinho. A fragilidade deles e a necessidade de cuidados constantes fazia com que a casa vivesse em estado de alerta. Ambos se desenvolviam muito devagar, mas com Fabinho era mais difícil, pois durante muito tempo permaneceu praticamente inerte, mole e com poucas reações em seu berço, sendo preciso adivinhar o que queria.

– E com Lucas, foi diferente?

– Sim. Ele reagia. Apesar de ter demorado para sentar e andar, seu rosto tinha expressão. Com o tempo passou a indicar e mais tarde a falar com dificuldade, mas se comunicava. Eu queria brincar com eles, mas só eu falava e inventava as situações. Eu me colocava como boa escoteira, sempre alerta e pronta para ajudar. Lembro-me de dizer nas brincadeiras “você vai ficar bom”, “tenha paciência”, “logo vai passar”, frases que ouvia de minha mãe. Manter a rotina da casa era fundamental. A falta de alguma das duas cuidadoras gerava enormes transtornos no cotidiano de cada um. De início, meus pais tentaram dar conta da situação por eles mesmos. Não havia dinheiro suficiente para contratar cuidadoras. Poucas eram as moças que tinham paciência para cuidar deles e disponibilidade para dar o carinho de que necessitavam.

– Foi nessa época que seus pais passaram a se desentender?

– Que eu me lembre, foi nessa época, mas acho que os desentendimentos deles eram mais antigos. Meu pai participava pouco dos cuidados; ele mais bancava as despesas da casa. Amigos de minha mãe vinham às vezes dar uma força. Uns faziam compras, outros

levavam as roupas para lavar ou vinham ficar conosco quando minha mãe precisava sair. Ela não gostava de depender dos outros nem de importunar ninguém. Costumava dizer que roupa suja se lava em casa e que tínhamos muito para lavar.

– Vocês não têm parentes que possam ajudar?

– Tem os meus tios, que estão ocupados com os seus problemas. Meus avós são idosos e moram em outra cidade. Raramente vêm para cá. Quando isso acontece, suportam mal a situação. Meu avô alega que precisa ficar cuidando da sua loja e vovó se desdobra para colaborar, mas sofre muito ao ver minha mãe e os meninos. Minha mãe trabalha o dia todo. Ela é publicitária em um escritório de arquitetura. Grande parte do sustento vem do seu trabalho. As despesas da família são grandes devido aos muitos tratamentos que meus irmãos fazem.

– Conte-me de você no meio desse turbilhão de problemas.

– De pequena, eu tinha o hábito de enrolar o cabelo no dedo até ficar com falhas na cabeça. Também roía as unhas, deixando-as em carne viva. Com frequência meus pais me mandavam parar com essas manias. Havia noites em que eu não conseguia dormir, invadida por pesadelos assustadores. Tentava me controlar, mas isso só piorava a situação. Eu sentia muitos medos e um deles era de acordar. Sentia pavor diante de uma bexiga prestes a estourar... estas com que as crianças gostam de brincar... Acho que vou parar de falar por aqui. Você deve estar me achando uma louca. Mal nos conhecemos e já estou contando tudo isso.

– Não se preocupe. É uma história de vida impressionante. Prossiga. Não me incomoda, pelo contrário.

– Calhou de você estar aí, todo compenetrado, me escutando no meio de toda essa barulheira. Nem havia me dado conta de que eu tinha tanta coisa para pôr para fora. Estou usando você como

uma caixa onde posso depositar minhas bagunças. Preciso dizer que por essas e outras razões fui parar numa terapia.

– Que bom que você tem com quem conversar. Eu também faço terapia. Sei como são essas coisas.

Delicadamente, Hernandez segurou minha mão, mas eu a retirei abruptamente. Desconcertada, continuei a falar:

– Quando voltar das férias devo começar a trabalhar. Será sacrificado, mas é a esperança de me livrar das cobranças de minha mãe que repete frases da minha avó, como “Você pensa que dinheiro cai do céu!”. Pensamento que me estimula a criar condições de maior independência. Minha avó também diz “Trabalhe direito que o dinheiro vem”.

– Você não está sozinha diante destes pensamentos. Ouço coisas parecidas, como “Se quiser ser alguém na vida precisará estudar, se dedicar, ser responsável”. Acho que os pais se preocupam com o futuro dos filhos e, talvez, com o futuro deles mesmos.

– Minha mãe se queixa de que trabalha muito e que também tem o direito de se divertir, de recarregar as baterias. Ela é muito sozinha. Fico aflita, sem saber o que fazer. Quando olho para trás me surpreendo ao pensar nas situações que ela viveu. Tento entendê-la, mas ela fala como se eu já devesse saber sobre a vida. Estou imersa nos meus questionamentos e ela vem com pressões, martelando minha cabeça como se eu já devesse ter a responsabilidade de uma adulta.

– Acho que todos os pais são assim. Esperam dos filhos o que eles não são. Gostariam que fôssemos como eles nos imaginam. Eles também não são o que esperamos deles. Essas diferenças devem ser normais. Vejo isso também entre os meus amigos.

– Quando minha mãe sai para fazer compras é um alívio para mim. Penso que para ela também, como se ela precisasse de um

tempo livre para si. É como cabular uma aula, se livrar de alguma responsabilidade. Eu gosto muito dela, da casa, dos meus irmãos, mas sinto raiva de ter de viver o que vivo, cheia de culpas por sonhar com um mundo diferente da realidade que vivo. Não pedi para vir ao mundo, mas tenho de engolir, seja como for.

– E seu pai, como ele é?

– É um cara legal. Ele pega mais leve do que minha mãe. É menos crítico. Mas está todo enrolado. É muito irresponsável nos seus compromissos como pai, no relacionamento com minha mãe e até no trabalho. Parece que se esqueceu de crescer.

Devo ter permanecido um bom tempo em silêncio, bebericando a cerveja, perdida em devaneios, quando percebi que Hernandez me olhava com ternura, até me perguntar:

– Você está bem? Parecia estar tão longe perdida em pensamentos.

– Não. Eu estou bem. Me distraí um pouco.

– Sua história é tão intensa! Muitas sinfonias foram inspiradas em situações dramáticas, mas nada que se compare com o que acabou de me contar. Assisti, recentemente, a uma ópera chamada *O anão*, de Alexander von Zemlinsky, inspirada em texto de Oscar Wilde. Ela mostra os prazeres perversos de uma adolescente que brinca com os sentimentos de um anão. Ao dar-lhe uma rosa, gera nele a ilusão de amá-lo para, finalmente, colocá-lo diante de um espelho no intuito de desvendar-lhe sua feiura. Abandona-o para ir dançar, indiferente à dor da humilhação imposta; ele sucumbe ao sofrimento. A natureza da vida contém a criação, mas junto vem a perversão. Conjuntos indissociáveis, como guerra e paz.

– Às vezes sonho acordar em um outro mundo. Em um lugar com praia, sol, vento, onde eu possa correr até cair extenuada na areia fofa. Ser uma garota sadia, sem deficiências, até me dá medo

na medida em que sou diferente dos meus irmãos. Penso nos porquês desta situação e o que isso pode representar quanto ao meu futuro. São ideias que vão e voltam, que borbulham em minha cabeça. Sinto-me uma garota diferente das meninas de minha idade que saem para baladas, como a de hoje. Elas viajam, frequentam a casa de amigos. No meu caso, vivo em estado contínuo de prontidão, alerta para qualquer emergência por mais que tudo esteja calmo. Devo estar me sentindo como esse anão da ópera, rejeitada por ser diferente. Lamento ter desabafado desse jeito.

– Está tudo bem. É bom poder se livrar de um peso. Estamos nos conhecendo e, certamente, há outros aspectos que fazem parte de nossas vidas...

– É verdade. A vida é feita também de outros momentos.

Sorrimos e eu prossegui:

– Já falei demais, agora quero ouvi-lo. Conte-me: o que faz? De onde você é? Está de férias no Brasil?

– Vamos dizer que estou de férias, mas também a trabalho. Vim conhecer a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e a orquestra do Theatro Municipal de São Paulo. Você conhece essas orquestras?

– Já fui assistir a cada uma delas. Sempre ouvi falar que são muito boas. Como é ser músico? É sempre tudo tão grandioso, empolgante.

– Eu estudo música. Toco piano mas meu objetivo é ser regente de orquestra.

– Puxa! Que coisa importante.

– É. Eu gosto muito de música clássica, de canto lírico. Morei um tempo nos Estados Unidos e lá tive oportunidade de me dedicar ao canto operístico. Sou uruguaio. Tenho um professor de repertório em Buenos Aires, mestre do Teatro Colón, e outro em Montevideú, com quem repasso as aulas. Meus pais não são

artistas, mas adoram música. Meu pai canta tangos... de brincadeira. Acho que puxei esse jeito dele. Pavarotti, Plácido Domingo, Carreras, Callas, Kiri Te Kanawa são nomes de cantores tradicionais que aprendi a apreciar. Vozes magníficas. Já ouviu falar deles?

– Não. Meu universo é outro. Curso a faculdade de História. Devo me formar no próximo ano. Mas você pretende ser cantor, regente ou músico?

– É muita coisa mesmo. Elas estão interligadas; mas as formações são bem diferentes. Não me vejo cantor. Gosto mais de entender a composição musical, de liderar uma orquestra, de ver aquelas pessoas reunidas, buscando harmonia e perfeição. É algo que me parece divino. Por sinal, música e história se complementam. A arte tem muito a ver com o contexto cultural e momento histórico de onde ela vem.

– Sim. Mas em que aspectos você está pensando? Dá para aprofundar essa ideia?

– A música expressa um momento da cultura, da história de uma sociedade em sua maneira de perceber e manifestar sentimentos e emoções, da biografia de cada compositor ao colocar no tema musical movimentos de sua alma, conflitos, sonhos e dores. E também a maneira como o ouvinte a recebe.

– Gosto de ouvir música, mas nunca me detive nessas questões. Acho a História fascinante ao revelar lutas pelo poder, mentalidades, características dos povos, com suas lendas, mitos, utopias, pensamentos e transformações das ideias. Li, recentemente, um autor argentino que muito me sensibilizou, Marcos Aguinis. Ele escreveu *A saga do marrano*. Você já leu?

– Não. Não o conheço.

– Ele conta a história de um jovem que nasceu em Tucumán no século XVI, estudante de Medicina em Córdoba. Depois foi para

Lima e de lá para o Chile, onde praticava sua profissão. Esse médico, casado com uma linda mulher da aristocracia hispânica, foi perseguido por ser descendente de marranos, coisa que ele desconhecia. Você sabe o que são marranos?

– Não. Nunca ouvi essa palavra.

– São judeus que se converteram ao cristianismo forçados pela Inquisição espanhola em 1492; mais tarde essa lei também foi aplicada em Portugal. Curiosamente, ao aprofundar uma pesquisa sobre os conquistadores espanhóis na América, descobri que o chocolate, ou melhor, o cacau, foi levado do México para a Europa em 1528. Um dos militares da esquadra de Colombo, Hernán Cortés, foi o protagonista dessa história. Ele teria recebido de Montezuma II, imperador dos astecas, sementes dessa fruta com as quais produziam uma bebida amarga e revigorante utilizada nos rituais religiosos.

– Nossa conversa está muito sofisticada! Estou achando interessante.

– Eu sou fanática por chocolate. Adoro. Serve para mim de calmante e energético. Me dá espinhas no rosto. Preciso me cuidar para não engordar. Minha mãe me dá umas broncas quando exagero. Começo a comer e acho difícil ter de parar. O amargo, aquele escuro e sem leite, é o meu preferido. Basta comer um pedacinho que me sinto outra. Ajuda-me a encarar o dia, alivia as tensões e dá energia para seguir em frente.

– Eu gosto de tomar mate. É um hábito do meu país. Carrego comigo uma garrafa térmica com água quente e uma cuia para o mate. Ele tem o mesmo efeito que o chocolate tem para você.

A conversa rolava solta. Muitos do grupo já tinham ido embora. Hernandez e eu estávamos numa das extremidades da mesa quando alguém observou que uma tênue luminosidade anunciava o amanhecer.

Os compromissos do dia seguinte entraram como um tsunami em minha cabeça. Pensei na bronca que levaria de minha mãe por chegar tão tarde em um período de provas. Eu havia mandado meus compromissos para o espaço. Imaginar me deitar para acordar dali a pouco me fez sentir o peso do dia.

Hernandez, mais três amigos e eu caminhamos a passos lentos até a frente do bar na Vila Madalena. Dois funcionários empilhavam as cadeiras sobre as mesas para lavar a calçada, preparando a casa para um novo dia.

Senti um arrepio gelado, o rosto esfogueado e o coração batendo acelerado quando Hernandez se aproximou de mim para se despedir. Ele me beijou no rosto. Só então me dei conta de que ele havia mexido com meus desejos e sentimentos.

– Você vai dirigir sozinha a esta hora? Posso acompanhá-la e depois irei para casa. Terei o dia livre, sem compromissos. Dormirei até mais tarde.

Sorri sem graça, tentada pelos desejos, mas a voz da consciência me dizia para me despedir ali mesmo. Não era hora de bagunçar minha cabeça. Imaginei minha mãe espiando pela janela ao me ver chegar em casa, de madrugada, apagando a luz do quarto para ir dormir tranquila. Apressei-me a sair dali.

Hernandez era um tipo alto, braços fortes, pele morena e bronzeada, olhos penetrantes, cabelos negros e lisos. Talvez descendente de indígenas. Contou-me que vinha com frequência ao Brasil para surfar nas praias de Florianópolis. Sua presença me excitou, mas eu não estava disposta a um compromisso “fogo de palha”, resultante de um tesão imediato, que acabaria rápido, com uma boa transa, para depois me afundar no vazio. Não queria ficar com lembranças de um relacionamento descontinuado ou acordar com um cara deitado ao meu lado de quem eu mal sabia o nome e

que nada tinha a ver comigo. Já havia passado pela fase de experimentar só pra ver no que iria dar. Contabilizar com quantos caras eu já havia ficado em uma balada também não fazia mais sentido. Queria me sentir mulher pela minha personalidade, pelo meu caráter, disposta a encontrar outras formas de descarregar as tensões sem bagunçar ainda mais a minha cabeça.

Terminar os exames para ficar lagarteando estendida ao sol, ouvindo o barulhinho das ondas do mar, sentindo o vento balançar minha alma, era o meu desejo. Vida sentimental e sexo geravam compromissos e eu não queria, agora, isso para mim. Dar uns “tapinhas” num baseado e flutuar num céu apertadinho de estrelas eram os meus objetivos imediatos. Os prazeres da carne com cortes abruptos no relacionamento estavam me fazendo mal.

Enquanto devaneava, Hernandez insistiu:

– Eu gostaria de encontrá-la só um pouquinho, você aceita?

– No momento preciso me manter concentrada no que terei de enfrentar nos próximos dias. Vamos deixar para uma próxima oportunidade, tá?

– Está bem. Mas podemos trocar mensagens? Eu gostei de você. Quero conhecê-la melhor. Pode ser?

– Vamos ver.

– Está difícil, hein!

Eu possuía a habilidade de não deixar nada claro, pois assim eu tinha a ilusão de ser dona do tempo, de poder decidir do jeito que eu quisesse. Dizer simplesmente não era uma empreitada difícil. Sentia-me dividida entre o desejo de não querer vê-lo e saber que em breve ele retornaria a Montevideu.

– Puxa vida! Conversamos a noite toda e você não vai me dar a oportunidade de vê-la novamente? Pareceu-me que desabafar foi

bom para você. Poderíamos continuar a nos conhecer, mas você precisa deixar que isso aconteça.

– Começo a pensar que não quero engolir a vida como ela é.

– Também penso dessa forma, mas descobri que *pelear*, brigar com tudo e com todos, me levará para o hospício! É preciso ter calma.

– Eu sei. Às vezes não consigo me controlar e minha revolta leva a brigas frequentes com meus pais. Temos pontos de vista e costumes diferentes. Meus pais estão separados. Quando ele chegava em casa chapado, de olhos congestionados e pupilas grandes alegando excesso de trabalhado, eu sabia que era tudo mentira. Penso nas dificuldades que meus pais e irmãos enfrentam com médicos, planos de saúde, resgate do dinheiro de consultas e internações, fico puta com a sociedade e as instituições. Elas não enxergam como é difícil educar filhos sem deficiências, pior ainda quando eles têm problemas. As imagens dos meninos me acompanham a cada canto. É algo que eu não gosto de dividir com ninguém, não que eu sinta vergonha deles, mas não suporto que tenham pena de mim.

– Não tenho pena de você, mas compreendo sua dor e revolta. Por tudo o que está me contando, sua sinceridade e transparência despertaram admiração por você. Quero conhecê-la melhor! Há algum mal nisso?

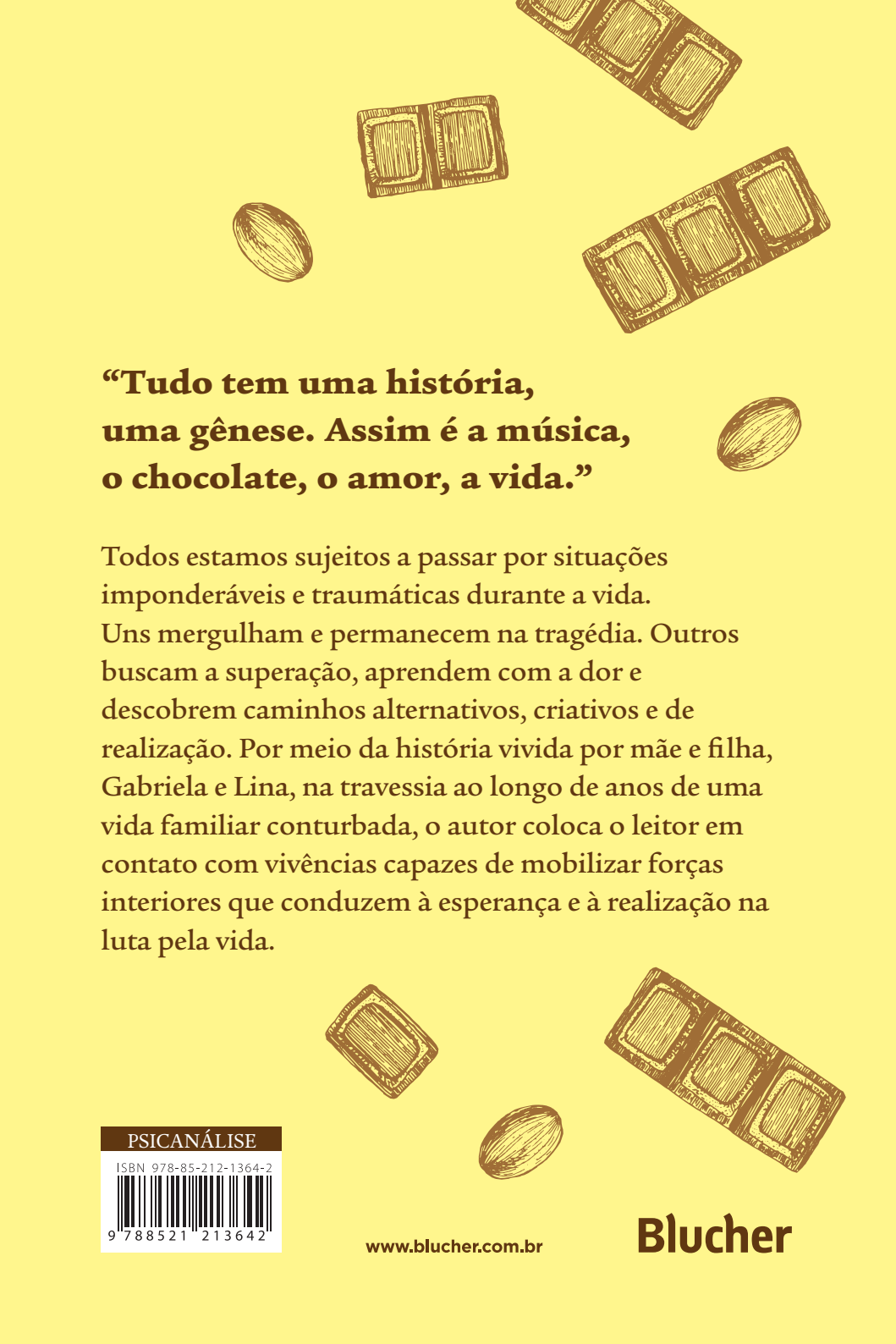
– Obrigada por me escutar, Hernandez. Preciso ir. Já está muito tarde. Falaremos depois. Mande-me uma mensagem.

Nos dias seguintes dediquei-me aos afazeres acadêmicos. Fiz ligações e enviei mensagens para me despedir dos amigos antes de viajar. Marquei revisão médica para não deixar nada pendente. Conhecia o preço da preguiça ao empurrar as obrigações para depois enquanto mantinha papos intermináveis pelo WhatsApp. Só saía do comodismo empurrada pela bronca ou invadida por uma

angústia atroz. Sinal de alerta para a existência de perigos como as incontroláveis oscilações de humor, levando-me a estados de desorganização pessoal. Era preciso deixar de brincar de gangorra com meus sentimentos, tomada por estados extremos de euforia ou depressão. Nessas horas, ouvia de minha mãe que eu só pensava em mim, sendo capaz de alongar ou encurtar o tempo conforme as minhas conveniências, sem me ligar na realidade. O mundo podia cair ao meu redor e eu reagia como se nada tivesse a ver comigo.

Estava em terapia, que muito me ajudava. Relutei em aceitá-la, mas hoje vejo que minha mãe tinha razão ao me pressionar para fazê-la. Eu achava que terapia era coisa de louco, até perceber a carga que eu carregava. Como eu era capaz de misturar coisas da vida real, da minha imaginação e outras que não me pertenciam. Levou tempo até cair a ficha de que eu precisava lidar comigo de outra maneira. Não foi fácil dar a mão à palmatória e rever minhas ideias. Eu não acreditava que tinha competência para fazer mal a mim mesma até perceber que era um tipo cabeça-dura como meu pai.

Minha mãe evitava confrontos, mas quando ficava furiosa jogava um monte de coisas na cara dele. Inclusive o recriminava por usar maconha como um adoidado. Ele queria acreditar que a gente não sabia, mas a casa ficava empestada. O cheiro da erva maldita caminhava com ele. Apesar de ela recriminar seu uso, às vezes o acompanhava, dando seus “tapinhas”. Era um escape. Hoje posso entender que, por mais amor que dessem a mim e aos meninos, a dor que eles sentiam devia ser insuportável. Tinham de conviver com noites mal dormidas, choros incontroláveis, doenças, médicos e hospitais que geravam cansaço físico e sucessivas frustrações. Ser pai e mãe de filhos com deficiência intelectual e com problemas físicos de saúde não era tarefa fácil. Quantas vezes vi minha mãe chorando, sozinha no quarto ou no banheiro, e ao perguntar-lhe porque chorava ela me trazia para junto do seu corpo e me dizia que não era nada.



**“Tudo tem uma história,
uma gênese. Assim é a música,
o chocolate, o amor, a vida.”**

Todos estamos sujeitos a passar por situações imponderáveis e traumáticas durante a vida. Uns mergulham e permanecem na tragédia. Outros buscam a superação, aprendem com a dor e descobrem caminhos alternativos, criativos e de realização. Por meio da história vivida por mãe e filha, Gabriela e Lina, na travessia ao longo de anos de uma vida familiar conturbada, o autor coloca o leitor em contato com vivências capazes de mobilizar forças interiores que conduzem à esperança e à realização na luta pela vida.

PSICANÁLISE

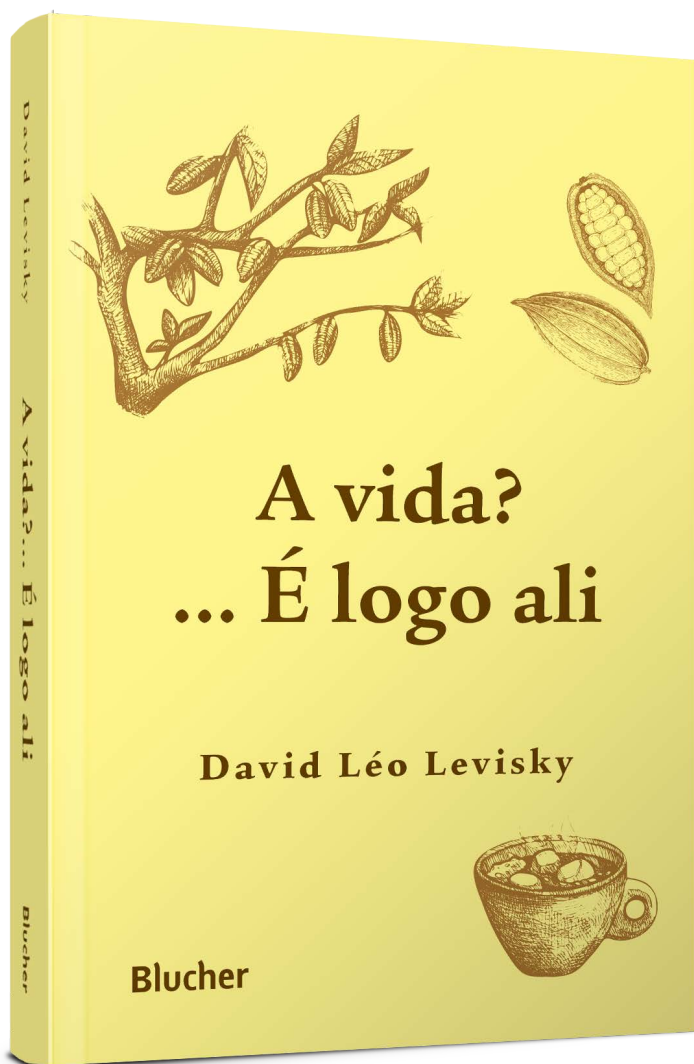
ISBN 978-85-212-1364-2



9 788521 213642

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

A vida? ... É logo ali

David Léo Levisky

ISBN: 9788521213642

Páginas: 274

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2018
